

FUNDAMENTALISTAS SÃO OS OUTROS FUNDAMENTALISTS ARE THE OTHER PEOPLE

Ariel Finguerut¹

AMONG THE BELIEVERS

Documentário (Paquistão e EUA)

84 minutos, 2015. Changeworx Films e Manjusha Films

Direção: Hemal Trivedi e Mohammed Ali Naqvi

Produção: Jonathan Goodman Levitt e Hemal Trivedi

ONE OF US

Documentário (EUA)

95 minutos, 2017. Loki Films

Direção: Heidi Ewing e Rachel Grady

A obediência perfeita requer a fé perfeita.

Warren Jeffs²

What you need to believe in is what you can see... If you see me as your friend, I'll be your friend. If you see me as your father, I'll be your father, for those of you that don't have a father... If you see me as your savior, I'll be your savior. If you see me as your God, I'll be your God.

Jim Jones³

Quando pensamos na figura de um fundamentalista, no que pensamos? Geralmente em homens? Barbudos? Violentos? Isolados? Dispostos a morrer por suas ideias e crenças?

Os dois filmes que discutiremos aqui se propõem a fazer esse debate – que não é simples, pois o ponto de partida é sempre uma alteridade. Há sempre alguém, um outro, dizendo que outrem é fundamentalista. E esta classificação é quase sempre carregada de rancor, amargor e dita num contexto de raiva, dor ou sofrimento. Mas o fundamentalismo,

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e membro do Conselho Editorial da Revista Malala. Pesquisador do Grupo de Trabalho Oriente Médio Mundo Muçulmano (GTOMMM) da Universidade de São Paulo (USP). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4243-2613>. Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3515075741483144>.

² Citado originalmente por Jesse Hyde em *Maior comunidade poligâmica dos EUA é comandada da cadeia por homem que, aos poucos, institui uma guerra civil*. Disponível em: <<https://bit.ly/2sVC3z5>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

³ Citado originalmente no documentário *Jonestown: the life and death of Peoples Temple* (2006, EUA), dirigido por Stanley Nelson.

■ resenha de filme

como ambos os filmes mostram, é sobretudo social, coletivo e opera numa solidariedade orgânica, como diria o sociólogo francês Émile Durkheim. Mesmo quando um líder carismático se destaca, o fundamentalismo opera na comunidade, é um fenômeno coletivo.

No filme *Among the believers*, a discussão nos leva ao Paquistão em plena Guerra ao Terror, dos anos de George W. Bush (2000) até o começo do governo de Barack Obama (2008). Nesse cenário o fundamentalismo religioso de fato ganhou o debate global. O Paquistão foi um parceiro especial dessa guerra, sobretudo com o interesse de combater a al-Qaeda liderada por Osama Bin Laden, considerado responsável intelectual e financiador dos ataques aos EUA em 11 de setembro de 2001, como também – ainda mais sensível ao caso paquistanês – no combate ao Talibã, grupo armado e religioso de origem doméstica que dominou parte do território paquistanês – além do Afeganistão. O Talibã foi acusado pelos EUA de abrigar, treinar e proteger terroristas, além do próprio Osama Bin Laden.

A partir deste contexto mais amplo, o filme enfoca e concentra-se numa *madrassa*, mesquita e escola voltada para crianças e jovens de ambos os sexos, que leva o nome de Mesquita Vermelha. Dentre muitas existentes, o filme volta-se para a *madrassa* de Islamabad, onde um carismático clérigo e líder religioso, Abdul Aziz, coordena todas as atividades. Um dos principais méritos do documentário de Hemal Trivedi e Mohammed Ali Naqvi é dar voz, sem cortes, sem intervenções, à Aziz. Talvez uma crítica que se possa fazer é que o líder religioso é retratado muitas vezes de forma desfavorável, como quando é mostrado entre pilhas de dinheiro das quais pega uma parte e embolsa para depois alegar que muitos o procuram pedindo ajuda, fato que o filme também mostra e razão pela qual precisa manter consigo dinheiro vivo. A primeira imagem do documentário por si só já é bastante forte: Abdul Aziz chega num determinado local fora de sua escola, cercado de homens armados, num clima tenso.

Na Mesquita Vermelha o que vemos são dezenas de crianças de idade entre 7 e 14 anos, a maioria meninos, mas há também salas para meninas; todos estão ali para apenas uma coisa: decorar o livro sagrado, a palavra do profeta, o Corão. Segundo Aziz, crianças de todo o Paquistão procuram a Mesquita Vermelha pois ali, além da educação religiosa (numa tradição que perdura desde 1966), as crianças são acolhidas, têm alojamento e recebem refeições, tudo gratuitamente. Segundo um dos alunos, eles acordam antes do nascer do sol para a primeira oração e passam o dia, até perto das 22h, treinando e praticando a recitação – decorando o Corão. Periodicamente eles passam por provas, que consistem em recitar um trecho escolhido pelo avaliador. De acordo com um dos alunos, eles aprendem a recitar o Corão e não a interpretá-lo, portanto muitas vezes as crianças não sabem o que estão recitando.

Eles não têm televisão, nem internet e quase não saem da escola. Destaca-se a curiosidade e o conflito pelo qual as crianças passam quando eventualmente estão fora da escola e se deparam, por exemplo, com um jogo de críquete – o esporte mais popular no Paquistão – na TV.

Abdul Aziz é um homem público e não hesita em ir à TV debater ou responder seus críticos. Um deles, destacado pelo documentário, é o professor Pervez Amirali Hoodbhoy,

um renomado físico paquistanês da Quaid-e-Azam University que lecionou também nos EUA, em Stanford e Maryland. Hoodbhoy ataca diretamente Aziz e o acusa de fomentar o fundamentalismo religioso, deixando o Estado refém de escolas como as ligadas à Mesquita Vermelha, que podem influenciar na formação de mais de 40 mil crianças por ano no Paquistão. Seria, portanto, incoerente que o Paquistão combata militarmente o Talibã mas permita que seu sistema educacional seja dominado pela mesma ideologia fundamentalista que formou aquele grupo.

O filme também mostra a tentativa de algumas pessoas de criar escolas não religiosas com atenção especial para meninas. Muitas destas garotas fugiram de alguma *madrassa* ou precisam do apoio da escola para evitar um casamento arranjado. Várias delas, com idades entre 12 e 14 anos, são casadas com homens mais velhos sob a desculpa de manter a tradição e fugir da pobreza. Em contrapartida essas escolas não religiosas, além da falta de apoio público, sofrem com as ameaças dos fundamentalistas e de ataques do próprio Talibã.

Num contexto de acirramento político em 2007, a Mesquita Vermelha é ameaçada de ser fechada, o que gera um violento conflito, resultando em 150 mortos e na prisão de Abdul Aziz, que antes tenta fugir se passando por uma mulher de burca. A partir desse momento o discurso de Aziz se radicaliza: ele lembra de seu pai que lutou contra a URSS no Afeganistão e promete o *jihad* como resposta, pois entendia que sua mesquita e sua escola estavam sob ataque. Dividindo o país entre aqueles que querem o islã, com suas regras sociais e morais, e os infiéis, tendo as elites como aliadas destes, daqueles que supostamente querem destruir o islã, Aziz infla um Paquistão já em tensão social e gera grandes manifestações, tanto de apoio como, sobretudo, de repúdio ao fundamentalismo em todo o país. Alguns de seus alunos formam uma milícia e prometem lutar por ele até a morte. Evitando mais baixas, Aziz decide fugir e acaba preso.

A partir de então, Aziz entra e sai da prisão. Segundo o documentário, ele foi preso em 2015, mas é difícil saber seu atual paradeiro. E o debate segue intenso. A luta por uma educação não religiosa e sem discriminação de gênero proporcionou a Malala Yousafzai, vítima do Talibã, o Nobel da paz em 2014. Mas nem o Talibã nem a Mesquita Vermelha – pode-se dizer – foram derrotados.

Já no filme *One of us* o foco se volta para o judaísmo hassídico, numa comunidade no Brooklin, em plena cidade de Nova Iorque. Nesse caso, o documentário tem ritmo de *thriller*, mostrando a luta de uma mãe que quer sair da comunidade e luta pela custódia dos filhos.

O judaísmo hassídico é uma vertente ortodoxa, ou ultra ortodoxa, dependendo da interpretação, do judaísmo. É considerado mais místico, menos legalista ou intelectualista. Em números oficiais, é difícil ser preciso: nos EUA há entre 5 e 6 milhões de judeus e, deste universo, 14% se classificam como ortodoxos. Do universo ortodoxo, os hassídicos seriam entre 10% e 15%. Em Israel estima-se que 30% sejam ortodoxos; parte destes, os hassídicos muitas vezes são classificados dentro de um subgrupo chamado de haredi (em torno de 8% da população⁴) ou de ultraortodoxos, que vivem apenas para estudos e rezas.

⁴ Cf. COOPERMAN, Alan; SAHGAL, Neha. Israel's religiously divided Society. *Pew Research Center*, Washington, DC, 8 mar. 2016 Disponível em: <<https://pewrsr.ch/1RPMVDK>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

■ resenha de filme

Seja em Israel ou em qualquer outro lugar (inclusive no Brasil), os judeus hassídicos seguem normas rígidas de vestimenta, de orações, de educação e, sobretudo, vivem como uma comunidade separada da sociedade à sua volta. Isso implica tanto uma segregação em relação a outras vertentes do judaísmo quanto do “mundo secular”, como aparece na fala de alguns dos entrevistados no documentário. Sem TV, sem internet e educando de modo segregado meninos e meninas, a comunidade hassídica vive com laços de solidariedade estreitos, que funcionam muito bem para acolher novos membros, mas também operam como forma de segurança e proteção contra aqueles que querem sair ou que os atacam de fora. No documentário de Heidi Ewing e Rachel Grady, notamos que a comunidade do Brooklin não só tem autonomia para adotar o material didático desejado como também tem suas próprias escolas, um exclusivo ônibus escolar (aos moldes do famoso veículo amarelo americano), ambulância própria, além de competentes advogados, tudo exclusivo para a comunidade.

Os advogados são particularmente importantes, pois são eles que permitem que os hassídicos vivam como decidirem, sem intervenção, seja do poder local, seja do poder federal. Nos EUA a liberdade religiosa é um fundamento tão importante da Constituição quanto a liberdade de expressão ou o direito a posse de armas. Liberdade religiosa se aplica desde à comunidade amish, presente nos EUA desde século XVIII, até a casos mais recentes envolvendo seitas messiânicas no final do século XX, ou aos refugiados mandeístas que saíram do Iraque para viver em Worcester, Massachusetts.

No documentário, uma mãe relata abusos sistemáticos e perseguição sofridos de seu ex-marido, um judeu hassídico. Ela conta como era sua rotina como esposa vivendo na comunidade e, uma vez fora dela, conta abertamente sobre as ameaças que recebe, suas dificuldades e a disputa pela custódia dos filhos.

Para além do drama familiar, o documentário mostra um contexto mais amplo, no qual quem decide sair da comunidade sofre uma espécie de ostracismo – quando não somado a uma perseguição social – que transforma vidas até então normais em verdadeira anomia. O filme mostra também outros casos de ex-hassídicos, muitos deles ainda jovens, que decidem sair: eles sequer conheciam a internet, falam melhor ídiche que inglês e, em outros casos, relatam situações como quando são expulsos de festas e celebrações onde está parte de sua família. O quadro é muito parecido com o descrito também por Andrea Moore-Emmett⁵ e por Jesse Hyde⁶, que investigaram seitas fundamentalistas poligâmicas derivadas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias/Mórmons. A chamada Igreja Fundamentalista de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, na região de Short Creek, entre os estados de Arizona e Utah, é controlada por Warren Jeffs, hoje preso e condenado à prisão perpétua no Texas. Jeff chegou a ter 80 esposas e cerca de 400 crianças sob sua custódia. Controlando a posse da terra, indicando cargos políticos e

⁵ Cf. MOORE-EMMETT, Andrea. *God's Brothel: the extortion of sex for salvation in contemporary Mormon and Christian fundamentalist polygamy and the stories of 18 women who escaped*. San Francisco: Pince-Nez Press, 2004.

⁶ Cf. HYDE, Jesse. Maior comunidade poligâmica dos EUA é comandada da cadeia por homem que, aos poucos, instituiu uma guerra civil. *Rolling Stone*, São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2sVC3z5>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

■ resenha de filme

tendo um sistema semelhante a um banco para financiar seus negócios e sustentar suas várias famílias, o líder fundamentalista manteve um controle restrito em sua comunidade, expulsando os dissidentes, ignorando os processos judiciais e conseguindo evitar uma intervenção policial por décadas.

Fica a sensação que o Estado, no caso dos EUA, protege os mais radicais, seja em nome da liberdade religiosa ou do “status quo jurídico”. O Estado defenderia a ideia de que uma criança que tenha crescido numa comunidade amish, numa família poligâmica ou na comunidade hassídica sofrerá menos caso a decisão seja a de afastar a mãe (dando a custódia ao pai ou a outro parente), evitando tirar a criança da comunidade onde cresceu e à qual está adaptada.

Outro elemento que se destaca, avaliando todos esses casos e retomando também o caso da *madrasa* de Abdul Aziz no Paquistão, é que essas comunidades fundamentalistas funcionam de forma mais violenta quando estão em modo reativo, ou seja, quando precisam responder a um ataque, a uma acusação ou quando são colocadas sob investigação policial/jurídica. No auge da crise, quando sua mesquita estava prestes a ser invadida por tropas federais, Abdul Aziz declara para a câmera: “façam o que quiserem, nós não mudaremos”; e no caso dos hassídicos, em evento filmado nos anos 1990 – diante de um estádio lotado –, um rabino declara de forma acalorada: “não podemos recuar, temos que marcar uma linha na areia e dali iremos apenas para frente”. Tanto no discurso do fundamentalismo islâmico de Aziz, do fundamentalismo judaico, dos hassídicos, como também da poligamia de Warren Jeffs há uma *retórica da intransigência*. E é justamente isso que afeta – ou mesmo encontra nelas uma cultura política fértil – as democracias nascentes do Oriente Médio e do mundo muçulmano ou as democracias consolidadas do Ocidente.

Nassim Nicholas Taleb⁷, autor de vários best-sellers, foi um dos primeiros a chamar atenção para esse fenômeno que não é só do campo religioso, mas que também afeta o comportamento político e mesmo o dos agentes econômicos. Taleb chama atenção, por exemplo, para a presença desproporcional de carnes e açougues *halal* – que seguem a lei islâmica para o abate e corte – no Reino Unido. O mesmo vale para o selo *kosher* – a dieta prescrita por rabinos que zelam pela lei judaica – em bebidas semiprontas ou sucos industrializados nos EUA. Taleb cita vários outros exemplos, mas seu argumento para explicar esse comportamento passa por uma questão de lógica simples: ao atender os mais radicais e restritos as empresas não estão excluindo o grande público. Em outras palavras, uma dona de casa londrina não teria problema em comprar sua carne num açougue *halal*, enquanto o muçulmano praticante não a compraria caso não tivesse tal certificação. Assim, ao vender a carne *halal*, o açougueiro vende tanto para o mercado religioso quanto para o não religioso.

Mas há também um argumento mais teórico e indireto que Taleb usa para explicar o êxito da retórica da intransigência. Um deles é a ideia de que minorias geralmente têm o

⁷ Cf. TALEB, Nassim Nicholas. The most intolerant wins: the dominance of the stubborn minority. In: _____. *Skin in the game: hidden asymmetries in daily life*. New York: Random House, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2MoWY5Q>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

■ resenha de filme

poder de veto. No campo religioso isso funciona através da imposição de uma moralidade coletiva, pois é mais fácil seguir uma norma moral rígida num pequeno grupo para, desta experiência, impô-la a um grupo maior e, em seguida, poder restringir e vetar o que é aceito ou rejeitado. Isso pode funcionar, por exemplo, com a ideia da burca no islã ou do uso de chapéus que remetem aos judeus ucranianos do século XVIII entre os hassídicos. Mas vale também para o hábito de homens amish cultivarem longas barbas⁸ ou no caso do reino saudita ser extremamente conservador nos costumes e ao mesmo tempo tentar falar em nome de toda comunidade muçulmana para temas morais.

Por fim, a retórica da intransigência ameaça as grandes democracias ocidentais se pensarmos, em diálogo com Ortega y Gasset⁹, no fenômeno que o filósofo espanhol chamaria (nos anos 1950) de “homem massa”. Esse conceito entende um comportamento político que parte de um ator que vê mais direitos que obrigações, tem hostilidade quanto ao liberalismo dos costumes, é reacionário, mais do que conservador, e seria um homem vulgar, nos termos de Ortega y Gasset – o que para Taleb se encaixa perfeitamente em figuras políticas como Silvio Berlusconi, na Itália, ou mais recentemente Donald Trump, nos EUA. Estes seriam homens vulgares, antes dirigidos, mas que agora decidiram assumir o poder e governar eles próprios as massas em nome do povo e em defesa dos “esquecidos”, como enfatizou Trump em seu discurso de posse em 2017.

Nesse contexto, não só oportunistas como Trump e Berlusconi ganham eleições que pareciam impossíveis, mas cada vez mais os intolerantes governam os tolerantes. A Lei Seca e o movimento de temperança, de forma mais ampla, lutando contra o consumo de bebidas alcoólicas nos EUA dos anos 1920 e 1930 e, até mais recentemente, movimentos que pretendem murar fronteiras ou desejam a independência de províncias e regiões específicas, por questões muitas vezes linguísticas ou culturais, reforçam no campo político a eficácia de uma minoria intransigente.

Há aqui uma inversão da clássica proposição/diagnóstico de Tocqueville sobre a experiência americana (a sombra/ameaça da “tirania da maioria”) para afirmar que é a maioria que está seguindo uma minoria (cada vez mais intransigente).

Em ambos os documentários debatidos nesta resenha nos fica claro que o fundamentalismo religioso cresce no vácuo – ou mesmo no seio – do próprio mundo moderno. O que os hassídicos fazem dentro judaísmo e o que Abdul Aziz promete em suas escolas é uma oferta muito simples de uma vida regrada, com propósito e sentido. É o que há muito tempo autores como Mircea Eliade¹⁰ enfatizavam ao dizer que a religião não é algo só teórico, abstrato, formal, mas algo que opera na vida social e que impacta na vida das pessoas. Cercado entre pares – e muitas vezes com um líder carismático no centro –,

⁸ Cf. debate sobre crenças, hábitos e modo de vida dos amish em: HOSTETLER, John A. *Amish society*. 4. ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

⁹ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁰ Sobre o debate de Eliade, cf. PALS, Daniel L. *Seven theories of religion*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

■ resenha de filme

onde é fácil sentir-se acolhido, a vida numa comunidade fundamentalista ou ultraortodoxa flui e funciona organicamente. Não por menos elas crescem – seja por natalidade acima da média nacional, seja por adesão/conversão.

Uma comunidade em que se arruma trabalho para desempregados e até seu jardim pode ser devidamente cuidado caso tenha dores nas costas, em que se vive sem pagar impostos, sem precisar servir ao exército, sem multas de trânsito etc.; quem não desejaria essas coisas? Os problemas começam quando os indivíduos se sobrepõem ao coletivo, quando começam a fazer perguntas e a reclamar sua própria interpretação ou relação com o sagrado, com os textos religiosos, sua privacidade e seu livre arbítrio. Quando simplesmente queremos outra vida. Ao dar um passo fora dessa comunidade, a dimensão do sagrado/religioso perde sentido. O “grande líder”, antes carismático, poderoso, passa a ser apenas um homem, mal intencionado, violento e hipócrita. A comunidade, antes solícita, afável e acolhedora, passa a ser intolerante, preconceituosa e excludente.

Quem não quer uma vida sem sofrimento? Uma vida confortável, em plena solidariedade orgânica, entre iguais, onde não há questionamentos, não há influências externas, não há espaço ou tempo para dúvidas? Nesse contexto, fundamentalistas são os outros; são os que estão olhando de fora, sofrendo, em crise e que, justamente por isso, partiriam para o ataque.

Tanto o documentário de Hemal Trivedi e Mohammed Ali Naqvi, com foco no islã, quanto o de Heidi Ewing e Rachel Grady, com foco no judaísmo, mais do que definir ou teorizar sobre o fundamentalismo religioso revelam sobretudo seu impacto social. E revelam como a relação entre o indivíduo e o sagrado, entre o indivíduo e a coletividade, põe em cheque nossos consensos e certezas, alertando de forma prática para o fenômeno da minoria intransigente e seus efeitos políticos e sociológicos.

Texto recebido em: 15 de Janeiro de 2018

Aprovado para publicação em: 08 de Fevereiro de 2018